



ENTRE DOIS MUNDOS

A field of glowing, colorful, thin-stemmed plants with spherical heads, resembling a futuristic or alien landscape. The plants are illuminated with various colors including blue, yellow, green, and purple, creating a vibrant, ethereal atmosphere. The stems are thin and delicate, and the spherical heads are of varying sizes. The background is dark, making the glowing plants stand out prominently.

PHIL HINE

ENTRE

DOIS

MUNDOS

ENTRE DOIS MUNDOS

Técnicas do Xamanismo Moderno, Volume DOIS.

© Phil Hine, 1989.

Originalmente produzido como um livro de contos pela *Pagan News Publications*.

Versão on-line de Junho de 1999.

Primeiro lançamento em português pelo Grupo de Traduções Ocultas (www.gtobr.org)

Créditos das Capas: [RichardCT \(Field of Light\)](#)

[Ezhov \(The Night\)](#)

Traduzido por Frater Virgulino Lampião ve/Luzeiros.



www.gtobr.org — Grupo de Traduções Ocultas

Se você achar este livreto útil, comentários & feedback serão muito apreciados. Posso ser contactado via:

a5e@ndirect.co.uk

ou

BM Coyote, London WC1N 3XX, UK

ENTRE DOIS MUNDOS

TÉCNICAS DO XAMANISMO MODERNO VOL. II



GRUPO DE
TRADUÇÕES
OCULTAS

PHIL HINE

CONTEÚDOS

INTRODUÇÃO	5
OS TRÊS MUNDOS	6
EXPLORANDO NOSSOS MUNDOS PESSOAIS	11
Histórias & Conversações	11
Escudos	12
Scrying/Vidência	14
Espelho de Fumaça	15
Pontos de Poder	15
EXPLORANDO NOSSOS MUNDOS SOCIAIS	20
Paisagens Sonoras	20
Paisagens Oníricas	21
Mímica	23
Elementais	24
Jogos de Mímica	26
EXPLORANDO NOSSOS MUNDOS MÍTICOS	26
Explorações do Mundo Interior	26
O quão útil os <i>Pathworkings</i> são?	32
AXIS MUNDI	34
Centralização	36
OBJETOS DE PODER	40
O Chocalho	42
A Flauta	42
O Tambor	43
Cristais	44
Ossos	44
Objetos Encontrados	45
TECENDO FIOS EM CONJUNTO	47
LEITURA ADICIONAL	51

INTRODUÇÃO

Two Worlds & Inbetween (traduzido como *Entre Dois Mundos*) é um volume associado ao *Walking Between the Worlds* (Andando Entre Mundos). Enquanto o último tratou principalmente com o reforço da percepção sensorial e a indução aos estados de transe através de vários métodos, este trabalho fornece um esquema simples para aspectos particionados de nossa experiência, e sugere exercícios dentro de um amplo quadro conceitual para nossa auto-exploração e desenvolvimento.

Mais uma vez, muitas das técnicas propostas neste livro são voltadas para a exploração grupal, já que, sem dúvida, nossos melhores professores são amigos e companheiros de viagem. Dentre os companheiros de viagem com os quais andei e falei ao longo do caminho durante anos, gostaria de agradecer a Sheila Broun, Neil McLachan, Robin Turner & Alawn Tickhill, e os membros dispersos do *Invoking Earth*, o *Theatre of Voodoo*, e atuais membros do *Circle of Stars*, ao qual este livro é gratamente dedicado.

OS TRÊS MUNDOS

Nossa experiência de vida pode ser agrupada em três áreas interligadas: o mundo da experiência Social, da experiência Mítica e da experiência Pessoal. Estes não são, evidentemente, reinos separados, mas áreas de experiência que se unem a todo momento. Ao separá-las em três regiões, é possível analisá-las, e em troca, obter conhecimento sobre como cada um contribui para o outro.

O Mundo Social

Este é o mundo cotidiano da realidade unânime — as convenções que mais ou menos concordamos em manter com os outros. É neste mundo em que assumimos papéis diversos e os reproduzimos em situações que são definidas em um conjunto de regras básicas. Entender estas regras e jogos sociais aumenta a nossa habilidade de condução neste mundo social. A má compreensão ou consciência da percepção das sutilezas dos resultados sociais geralmente resulta em desempenhos pobres. Os exercícios dados nesta seção sobre o mundo Social buscam de diferentes formas expressar e compartilhar nossas experiências, através da atividade em grupo.

O Mundo Mítico

Este é o reino da metáfora e símbolo; maior do que o mundo do teatro, fantasia, lenda e cultura televisiva. Em cada época, as histórias & lendas têm proporcionado uma reflexão mítica das nossas esperanças, medos & aspirações. Nossos ancestrais tinham os feitos de heróis & deusas, enquanto nós temos a dieta diária de filme e novelas. Este é o mundo onde a mágicka talvez seja mais óbvia, em que o xamã se destaca como uma figura mítica, intercedendo entre as visões pessoais e coesão social, entre os mundos dos espíritos e deuses, e as pessoas para as quais estes espíritos são uma realidade, ainda que permaneça um mistério. A seção sobre o

mundo Mítico busca abordagens diferentes para explorar o Mítico, através das viagens ao mundo interior, centrando-se, e trabalhando com Objetos de Poder.

O Mundo Pessoal

Esta é a área mais íntima de nossa experiência, o mundo intrapsíquico do *self*. Dos três mundos, este detém o maior mistério para nós, e é através do mundo mítico que podemos sondar as profundezas de nossa experiência pessoal. Conhecimento do *self* é a chave para todo o desenvolvimento mágico, e os exercícios nesta seção iniciam o processo de aprendizado de olhar para o seu próprio *self* e desenvolver faculdades intuitivas.

Claro, trabalhar em um reino não é suficiente, e você deve buscar o seu desenvolvimento em termos de todos os três mundos. O Pessoal e o Mítico começarão a imergir através da análise e experiência continuada, mas o Social — como nós nos relacionamos com as outras pessoas; como podemos simpatizar com os outros — deve ser o mundo no qual procuramos por sinais de mudança e desenvolvimento. Se você não possui nenhum companheiro para explorar este trabalho, você ainda deve ter em mente como você se sente e se comporta socialmente, e quais as eventuais mudanças as outras pessoas percebem em você. Se você tem uma opinião elevada sobre si mesmo, embora todo mundo pense diferente, pensando que você é um babaca, então pode muito bem ser a hora de sentar e pensar sobre onde você está errando.

O xamã é uma figura arquetípica que media entre os aspectos mais íntimos de nossas experiências e as convenções sociais da comunidade ou grupo de pessoas. O Mundo Mítico é aquele que permanece ‘entre’ o Social e o Pessoal. Mitos em todas as formas se referem não apenas aos eventos históricos (sociais), mas se estendem profundamente sobre aspectos da experiência humana comum. Ouvir um contador

de história, ou assistir a um filme pode 'nos mover' emocionalmente, de modo que somos momentaneamente transportados para o mundo Mítico. Neste mundo, as convenções da realidade social podem ser contestadas ou anuladas sem ameaça de desastre. Ao mesmo tempo, os segredos de nossa psique podem ser trazidos à luz & articulados sem ameaçar o sentido de ser um *self* estável. Os Mitos possuem suas raízes na 'Mente Profunda', e fornecem a razão, ou unidade psíquica, em que a sociedade marcha.

Os Mitos nos dão sentido e motivação, das fantasias culturais de se tornar uma estrela do rock'n'roll, ou Presidente dos Estados Unidos da América. Ou se tornar um xamã, para este assunto. Ditadores de todos os tempos aprenderam rapidamente que se você quer enfraquecer a vontade do povo, então você deve destruir seus sonhos, tornando os seus mitos insignificantes e substituindo-os pelos os seus próprios. Os Mundos-Sonho dos Índios Vermelho e os Aborígenes Australianos foram destruídos dessa forma pelos invasores brancos. A sua liberdade psíquica foi removida e foram literalmente amarrados a um espaço limitado, no qual eles eram pobres, ignorantes, cidadãos de segunda classe. Os Mitos afetam a todos nós, muitas vezes no momento em que nós não estamos conscientes de seus efeitos. Eles se tornam mais perigosos (e mais traiçoeiros) quando a metáfora é confundida com uma verdade literal, e quando histórias se tornam dogmas fixos.

Ao entrar no mundo Mítico de um tempo, aprendemos a mudar a nós mesmos, e fazendo isso, provocamos mudança no mundo que nos rodeia. A participação neste mundo pode ser chocante e perturbadora, mas acima de tudo, pode ser curativa. Ao aprovar histórias que concedam uma experiência de estatura mítica, podemos reintegrar os conteúdos de nossa psique; vindo a ver a nós mesmos e nossa situação a partir de ângulos diferentes, crescendo longe de hábitos e crenças condicionados, e se adaptar aos novos cursos da ação que cresce a partir de novas idéias. Assim que entrarmos no mundo Mítico, as regras normais que toleramos podem ser suspensas, e

estamos livres para conversar com anjos e dançar com os deuses semi-esquecidos. Os mitos atuam para intensificar as mudanças que passam — nascimento, crescimento, ritos de passagem, perda, morte e renovação. A participação na experiência Mítica, seja como ator, mediador, ou audiência, devolve-nos a sensação de vitalidade dinâmica da vida, que é facilmente esquecido na rotina diária, e pode reviver o nosso senso do extraordinário, dentro do ordinário.

O instrumento do Mítico é nossa imaginação, que não conhece barreiras, exceto aquelas que impomos a nós mesmos. Todas as idéias possuem sua fonte em nossa imaginação, que brota a partir da Mente Profunda, além da consciência pessoal ou do mundo Social. Há sempre certa tensão entre a realidade fundamental e o mundo Social, e desejos individuais, sonhos, e fantasias.

Muitas pessoas ficam interessadas em encontrar alternativas, crescimento espiritual ou realidade mágica a partir de uma crescente insatisfação com a “realidade normal” da cultura ocidental. Muitos de nós estamos buscando a mudança e renovação e, ao invés de aceitar os limites da realidade primordial, nós estamos começando a viajar para além dos mapas já existentes e os caminhos da vida.

A definição moderna de magia é que ela é uma organização de imaginação. Quando começamos a explorar o mundo interno Pessoal, e como ele afeta a do Social (e vice-versa), usando um conjunto de símbolos e imagens Míticas, então começamos a ter experiências que são significativas dentro destes mitos. Ao assimilar idéias até que elas se tornem familiar, nós vestimos nossa imaginação de formas distintas, de modo que a Mente Profunda eleve as imagens que estejam de acordo com estes mitos.

Para ir até a Mente Profunda, precisamos de sinalização & mapas para nos ajudar em nosso primeiro estágio, passos vacilantes. Esta é a tarefa dos visionários, artistas, xamãs, magos; de fato, qualquer um pode ser tornar um ‘olheiro’ desta maneira. Na

cultura moderna ocidental, não estamos mais ligados por uma série dominante de imagens Míticas. Em vez disso, nossa cultura está repleta de mitos, daquelas da realidade mágica àquelas do Marxismo, e nós podemos tomar muito desses mapas Míticos do mundo durante nossas vidas, sabendo que a qualquer momento, que aquilo que atualmente temos é mais verdadeiro do que os outros. Há uma miríade de seitas, filosofias, sistemas de crenças & religiões que podem fornecer diferentes conjuntos de imagens míticas. Alguns de nós estamos felizes o suficiente para aceitar um mapa mítico fixo, enquanto outros buscam seus próprios caminhos para a verdade. É o crescimento de uma imaginação livre que nos encoraja a transformar os nossos anseios mais profundos em nosso maior objetivo, e nela há a realidade alcançável.

Uma vantagem, e um problema, para o aspirante a praticante xamânico, é a miríade de mitos. Podemos extrair as piscinas míticas de várias culturas ao longo da história, e podemos também extrair a partir de fontes fictícias. O poder mítico da ficção é muitas vezes subestimado, porque as pessoas insistem em pensar que ela 'não é real'. Novamente, uma vez que entramos no mundo Mítico, sua validade histórica é irrelevante. Se uma história nos move, e pode nos dar uma experiência válida e poderosa, nos religado aos aspectos profundos de nossa experiência, então realmente importa se ela é 'verdadeira' no sentido histórico? Nos últimos anos, escritos sobre o xamanismo popular como Lynn Andrews e Carlos Castañeda foram ambos criticados por pessoas dizendo que eles estavam escrevendo ficção disfarçada de fato. Seja qual for o caso, seu trabalho tem permitido que técnicas xamânicas possam ser muito mais acessíveis às pessoas, provando que eles podem atuar como um ponto de entrada para aqueles que desejam explorar os ainda desconhecidos reinos que se encontram além dos limites do mundo conhecido. O xamanismo, pelo o menos para mim, é algo menos do que fazer coisas de certa forma, porém é algo mais de uma essência, uma discussão que atravessa tudo aquilo que faço. Assim, toda a minha magia possui uma qualidade xamânicas, pois, independente da carne, são os ossos que importam. Ela

funciona de uma forma que me satisfaz e através de mim, parece satisfazer as outras pessoas que trabalham comigo como clientes ou colegas; e no uso de técnicas xamânicas, eu não aspiro a mais nada.

EXPLORANDO NOSSOS MUNDOS PESSOAIS

Os exercícios nesta seção referem-se ao Mundo Pessoal como uma área de nossa experiência. O objetivo é direcionar a consciência para as dinâmicas internas que formam a nossa auto-imagem; o diálogo interno meio-ouvido (e muitas vezes esquecido) do qual cresce a nossa história de quem somos e para onde vamos. Os exercícios neste livro foram escritos para um trabalho solo, embora eles possam ser utilizados, com uma pequena modificação, como exercício grupal ou para pontos de discussão.

Histórias & Conversações

Grande parte de nosso comportamento, crenças e atitudes são continuamente moldadas pela conversação interna e histórias que temos com nós mesmos. Geralmente eles são da natureza de “eu não posso ser/fazer... por causa de...”. Muitos deles são originários de nossas primeiras experiências de aprendizagem, ou resultantes de situações de emoção intensa. Uma conversação comum é baseada em torno da idéia “Eu não posso ter sucesso em alguma coisa”, que obviamente significa que, enquanto eu agir a partir desta base, eu não tentarei superar qualquer coisa que cumpra a profecia. Algumas das conversações internas são fáceis de reconhecer, embora seja provável que as outras possam ser reprimidas, de modo que sejamos conscientes de que algo está errado em nossas vidas, não podemos ver o motivo. É essencial começarmos a perceber estas conversações, e se possível, revê-las ou contestá-las. A consciência de suas próprias falhas, fraquezas e pontos cegos são essenciais se você está tentando desenvolver-se para que possa agir mais

efetivamente. Às vezes, um período de iniciação forçará sua compreensão do imbecil que você era no passado, há poucos meses. Isso nunca é agradável, mas você deve tentar, a tal ponto, a fazer algo sobre isso. Claro que quanto mais incrustada a conversação é em sua mente, mais difícil é mudá-la. Muitas vezes isso é porque você tem algo investido na manutenção dessa conversação. Por exemplo, se eu “sei” que eu nunca terei sucesso em algo, é fácil dar as coisas, e claro, muito mais difícil sair dessa conversação para realmente obter algo. No entanto, estas conversações servem para limitar o leque de possibilidades abertas para você. Se, por outro lado, você consegue romper com os limites que você impôs sobre si mesmo, é como ser levado a um novo mundo, onde para a sua imensa surpresa, você descobrirá que você pode fazer aquilo que pensa ser impossível. Eu não estou falando sobre como voar ou se tornar o mestre do mundo, mas as coisas verdadeiramente impossíveis que ao longo dos anos vamos convencendo a nós mesmos de que nunca acontecerá, como ficar com seus pais e parentes, pagar seu cheque especial, ou conseguir manter um emprego. Claro, é uma coisa bastante mundana, mas é geralmente este tipo de problema que tem o maior efeito sobre nossas vidas. Agora, estes problemas não podem ser resolvidos de uma só vez, mas eles podem ser abordados, desde que você esteja ciente deles, e preparado para agir sobre eles. Todos os ‘Guerreiros Impecáveis’ encontrarão seus piores inimigos no reino dos mundos ordinários (Social & Pessoal), ao invés do Mítico. Os inimigos são, claro, as barreiras que colocamos em nós mesmos, e que depois se agarram, ao mesmo tempo em que se torna tenso e mais tenso sobre como fazer isso.

Escudos

Este é um exercício do *The Shamanic Development Course*, mas pode vir de diferentes formas e estilos. A idéia básica é que você produza uma representação simbólica de si mesmo e as coisas importante a você, ideais, direções nas quais você deseja viajar, etc. Isso pode ser complicado ou simples conforme você desejar, e os

esquemas podem seguir uma ampla variedade de padrões tais como pinturas de forma livre, colagens, uma roda dividida em quatro direções (com você ao centro), ou uma mandala. Estes escudos são úteis em discussão em grupos de ‘compartilhamento’ quando membros estão discutindo sentimentos pessoais e idéias com os outros. De muitas formas, eles são ‘mapas’ de nosso próprio campo de experiência, mostrando territórios, pontos altos de interesse, expectativas e medos. Elaborado, o escudo pode se tornar um ‘plano de vida’ — onde você deseja desenvolver, em várias ‘partes’ do escudo, para um dado período. Quanto tempo isso irá demandar depende de quanto você fará seu escudo ser uma ‘visão global’. Eu tenho ouvido pessoas fazendo planos de vida de cinquenta anos, e se você pensa que isso é um tempo longo, há escudos de dois mil e cinquenta anos de vida! Não que muitas pessoas planejem viver tanto tempo, mas a idéia é de você criar uma visão daquilo que você deseje que aconteça no mundo como uma consequência daquilo que você viveu. O que é bom, pense positivo; não importa quão pequena seja a mudança, você terá contribuído com algo para o desenvolvimento de sua tribo — a raça humana.

Em um ambiente grupal, você pode trabalhar para desenvolver ‘Escudos em Grupo’, que é uma expressão de que o grupo se torna uma entidade coletiva. No desenho e produção de um escudo em grupo, vocês poderão desenhar sobre o poder de bandeiras, capas e instrumentos, tatuagens de clã, etc., sendo que todos reforçam a identidade do grupo, e se tornam atratores para as energias do grupo. Ao longo do tempo, escudos grupais e individuais podem se tornar poderosos dispositivos mágicos, que podem ser delineados em vários exercícios e atividades. Os grupos que realizam ritos sazonais e celebrações que envolvam “Rodas do Ano”, que tanto podem refletir quanto relembrar aos membros do grupo que cresçam e evoluam através do ano, com símbolos, imagens apropriadas, e objetos “talismânicos” de cada rito sazonal ao longo da roda.

Scrying/Vidência

Scrying (traduzido aqui como *vidência*) é uma técnica divinatória básica que pode ajudar a desenvolver as habilidades clarividentes. Pode ser realizada utilizando qualquer superfície reflexiva, como um espelho, preferencialmente uma superfície negra lustrosa, ou um vaso preenchido com um fluido negro. Olhar diretamente para dentro das brasas do fogo é outro método comum. O *Scrying* exige que você seja capaz de entrar em um leve estado de transe onde a imagem surge em sua mente, um pouco semelhante às visões de sonhos diurnos, ou as imagens que você vê antes de adormecer. O 'truque' do *scrying* é tentar e relaxar, e deixar qualquer imagem aparecer diante de você, olhando firmemente no meio daquilo que você está usando, sem olhar fixamente de forma muito desagradável ou de forma insuportável ou intensivamente concentrado. Isso vem apenas com a prática. A princípio, deve ser suficiente deixar que imagens aleatórias surjam completamente, e depois tentar e responder questões específicas.

A área na qual você está praticando deve ser vagamente iluminada, e luzes (velas são excelente, sendo menos dissonantes e irritantes que luzes elétricas) colocadas de modo que elas não reflitam no meio reflexivo em que você está usando. Incenso também pode ser uma ajuda útil, particularmente aqueles feitos de resinas e óleos, que agem como relaxantes. Você pode achar que é útil para realizar um exercício de meditação ou relaxamento antes de tentar o *scrying*. Um ritual centralizador, realizado antes e depois do *scrying*, também é recomendado.

*Pathworkings** projetados para relaxar e estimular a Mente (subconsciente) Profunda para lançar imagens pode ser utilizado. *Scrying* pode levar a sonolência, e isso é uma boa idéia para fazer com que seus treinos iniciais não prossigam por muito tempo.

**Pathworkings*: O suposto uso da clarividência ou práticas espirituais similares para investigar os caminhos que um indivíduo pode tomar em sua vida.

Técnicas divinatórias tais como estas ajudam a desenvolver as faculdades psíquicas e intuitivas, e a habilidade de relaxar e deixar que as imagens surjam em sua mente também é uma chave para outros talentos, tais como a psicometria e a leitura da aura. Uma vez que você tenha tentado o método básico, então a prática regular ajudará você a desenvolvê-la.

Espelho de Fumaça

Este é um exercício reflexivo/meditativo desenvolvido a partir de um exercício de Dramaterapia (originalmente por Marsha Robbins). Deve ser realizado em posição sentada ou deitado, e precedido pela Centralização ou alguns minutos de relaxamento & respiração profunda.

“Tente relaxar e ficar muito tranquilo. Ao respirar, imagine o ar que você exala gradualmente se tornando fumaça, que forma uma nuvem diante de você. A nuvem se dissipa, formando diante de você um espelho de tamanho natural, no qual você pode se vê. Examine a si mesmo lenta e calmamente, e em primeiro lugar, preste atenção à sua postura, e como o espelho reflete seu corpo — ele pode exagerar alguma parte do seu corpo, como sua cabeça, ou suas mãos, pois ele reflete aspectos de si mesmo que você nem sempre está consciente. Após ter examinado a si mesmo para a sua própria, você descobrirá que o espelho começará a embaçar. Enquanto faz isso, tente pensar em uma época em que era muito jovem, de preferência próximo aos doze anos, e veja uma imagem de si mesmo se formando- no espelho diante de você. O que você parece? O que você está vestindo? Como é ser dessa idade? Quem são seus amigos? O que você mais gosta de fazer? Que histórias você conta sobre si mesmo? O que te deixa com raiva? O que te assusta? O que você gostaria de mudar?

Agora, enquanto você transforma estas perguntas em sua mente, você descobrirá que o espelho está se tornando uma porta de entrada para o seu passado — que você é capaz de falar ao seu eu mais jovem e ter uma conversa passada e adiante — há algo em especial que você precise dizer? Faça contato de qualquer forma que você deseja (dê tempo para isso).

Então, enquanto você observa seu eu mais jovem no espelho, ele começa a ficar embaçado, transformando-se lentamente em fumaça novamente, esvoaçante e crescente de forma fina, e você sabe que, ao respirar, você está recebendo a experiência dentro de você novamente, e mantendo a consciência de seu encontro com o seu eu mais jovem. Quando a fumaça desaparecer, conte em sentido decrescente a partir do 10... 9... 8... 7... 6... 5... 4... 3... 2... 1... e Desperte!”

Para o máximo efeito, esta fantasia guiada (e não um *pathworking*) deve ser gravada em um gravador. Acho que isso ajuda a seguir a instrução de “Desperte” com alguns leves tons de campainha. Quaisquer *insights* que você tenha podem ser arquivados no papel ou no gravador. Este exercício pode, obviamente, ser utilizado em uma situação grupal. Encontrar os seus próprios eus em “encarnações” mais jovens é terapêutico — auxilia a memória e o autoconhecimento, e também nos lembra que grande parte de nosso eu “adulto” cresceu a partir da experiência antiga, embora nem sempre gostarmos de reconhecer isso.

Pontos de Poder

Esta seção foi desenvolvida a partir das idéias de Stephen Mace, um mago americano cujo trabalho valeria muito a pena de uma análise minuciosa (se você pode encontrá-lo — veja a seção Recursos ao final deste livro). É muito fácil, ao tentar definir práticas xamânicas dentro de um contexto moderno, recorrer a uma atitude demasiadamente psicológica, e muita ênfase no direcionamento interior. Nós somos

encorajados a encontrar o nosso poder interno, mas ao mesmo tempo, devemos continuar atentos que o poder está em torno de nós. Além do poder estar dentro de nós, ainda há as vastas marés cósmicas dentro, e em torno de nós, e também, há os Pontos de Poder. Estes podem ser considerados como passagens mágicas na superfície da terra, ou poros na pele de Gaia. Se os encontrarmos e os tornarmos conhecíveis, eles podem ser explorados, complementando o seu próprio poder, ou fornecendo pontos de contatos com os mundos internos através do acesso e conhecimento que ganhamos de outras entidades com as quais compartilhamos a biosfera. A descoberta de tais Pontos de Poder é um processo pessoal, exigindo intuição, percepção crítica e senso comum. Aqui, o Mundo Pessoal deriva de sua própria interação com a paisagem circundante. Escritores como Carlos Castañeda e Lynn Andrews dão ênfase sobre a importância de descobrir os pontos que para você possui poder pessoal — e ambos advertem que, assim como o poder pode verter de um lugar, assim, um lugar também pode sugar o poder de você — em detrimento dos mais fracos. Um pensamento muito comum é a suposição de que todos os círculos de pedras ou pontos de ley são lugares apropriados para um ritual ou outras formas de trabalho mágico. Uma abordagem mais prudente é tentar e pressupor as “vibrações” de um lugar, permitindo tornar-se receptivo às impressões fugazes (veja o *Walking Between the Worlds*), ou utilizando radiestesia ou *scrying*.

Um tipo “tradicional” de ponto de poder é o lugar onde caminhos se cruzam, associadas com deidades como Hécate (grega), Odinn (nórdico), Ganesha (Hindu) e Papa Legba (haitiano). Há muitos contos populares sobre o encontro do “diabo” nas encruzilhadas. Se isso ainda vale para os tempos modernos (e porque não?), então os emaranhados de vias expressas como o Spaghetti Junction devem ser fontes de poder realmente estranho!

Em geral, há dois tipos de Pontos de Poder. O primeiro é o lugar que é associado com um tipo específico de poder. Um ponto de contato onde, se entrarmos em transe (as

técnicas das quais descrevemos em *Waling Between The Worlds*) e projetarmos a nós mesmos em um mundo interno apropriado, podemos ganhar algum entendimento, ou sentimento de um elemento específico. Assim, se você deseja ter harmonia com a terra, neste caso uma gruta ou desfiladeiro de um vale pode ser suficiente. Para chamar os poderes do mar, algum ponto superior em torno do qual a maré se move produzirá o clima apropriado. Para sentir as energias de uma cidade, o telhado de um edifício de vários andares pode ser o melhor ponto de observação. Uma das minhas melhores rotas para a contemplação foi em um passeio de quilômetros por edifícios de fábricas desertas — um testemunho do declínio industrial do *Colne Valley*, povoado apenas por ratos, gatos e os fantasmas da Revolução Industrial.

O segundo tipo de Pontos de Poder é mais difícil de descobrir, e dependem muito mais de sua abertura pessoal para a clarividência, presságios e percepção sensorial. A maneira mais fácil de reconhecer o tipo mais específico do Ponto de Poder é observar as incongruências do terreno. Exemplos disso são uma única rocha que se sobressai em terras extensas de pasto ou brejo, ou uma fonte ou árvore solitária em uma montanha inteira. Qualquer elemento que é um contraste total para o resto da paisagem ao redor pode ser uma fonte de poder em potencial. Apenas a descoberta pessoal e experimentação encontrarão qual a afinidade do ponto com qualquer atividade em particular. Alguns pontos são úteis para o trabalho de transe, enquanto outros podem difundir uma energia que ajudará você a centralizar a si mesmo. Agora, enquanto alguns lugares possam parecer esquisitos, isso automaticamente não significa que eles são bons para o uso. Em algum ponto que você encontrar, você terá um sentimento maligno com ele, e não deve ser algo com o qual você deva brincar. Isso não significa que eles são “Maus”, ou mesmo que eles sejam fontes de ‘energia negativa’ — todos os lugares poderosos devem ser tratados com respeito, e é importante ter em mente que automaticamente não temos o direito de usar qualquer lugar que queremos, só porque ele parece estranho. Um fragmento comum do saber

em muitos lugares é aquele do *Genius Loci*, ou ‘espírito do lugar’ — a idéia de que certos pontos possuem seus próprios guardiões. Vale a pena ter isso em mente quando você aborda os pontos de poder.

Presságios são ainda mais difíceis de localizar, mas novamente, dependem de como você está consciente das oscilações em sua paisagem pessoal. Eles podem vir na forma de encontros com animais, formações incomuns de nuvens, ou encontros coincidentes com amigos. Se você sair com a atitude de que você está preparado para ser dirigido por presságios, muitas vezes você obterá resultados interessantes. Muito depende de estar aberto às possibilidades de uma aventura. Uma vez fui levado a um ponto de poder por um gato que insistiu que eu o seguisse através dos campos até um tronco de árvore, de onde ele prontamente disparou para a vegetação rasteira. O importante é começar a se comportar como se estas coisas fossem reais — e quem está dizendo que elas não são? Por sua vez, essa divagação consciente, se é através dos campos ou das ruas da cidade, intensifica a nossa consciência daquilo que está em torno de nós, tanto físico quanto psiquicamente. Isso também concede uma maior consciência de nossa relação pessoal com os escapamentos através dos quais nos movemos. Cada lugar tem seu próprio pulso e batida, seu ritmo e compasso, e ao nos tornarmos abertos e conscientes disso, podemos imergir, em um nível muito pessoal, com a vida que nos rodeia. Isso nos permite perceber as mudanças sutis nos padrões de vida que constantemente giram em torno de nós. Xamãs haitianos dizem que cada pessoa de poder tem seu próprio “jardim”. Seu sentido de “jardim” não pode se estender além do seu portão dianteiro, mas, por outro lado, ele pode cobrir uma região inteira da cidade onde você mora. O sentido disso é mais difícil de transmitir, mas é uma característica essencial da vida mágicka — esteja aberto aos presságios, sinais e significações — siga as ondulações em seu jardim, seja através do sonho ou da visão, pois mudanças e visitantes aparecem.

Um exercício relacionado, do *Shamanic Development Course*, desenvolvido por Sheila Broun, é chamado de “Encontrando seu Lugar de Poder” (*Finding Your Place of Power*). Ao fazer isso nós marcamos um círculo de nove pés em uma sala, então pedimos aos membros do grupo para que caminhem ao redor dele, tentando “sentir” qual era o local mais apropriado para eles dentro do círculo, e quando eles tiverem decidido então eles sentavam neste lugar. Quando todos tinham escolhido seu lugar, um compasso era produzido e as quatro direções identificadas. Este exercício foi então usado como um iniciador para discussões sobre o papel do círculo, e os quatro pontos cardeais na magia.

EXPLORANDO NOSSOS MUNDOS SOCIAIS

Os exercícios nesta seção são uma variação de exercícios em grupo, escolhidos por sua importância em demonstrar o valor da experimentação em grupo. Eu acredito que uma dos principais poderes de uma exploração xamânica grupal é o sentido da comunidade. Na criação de um lugar onde podemos inspirar uns aos outros, e experimentar com exercícios relativamente simples, mas que, no entanto, trazem resultados surpreendentes, podemos aprender que há uma pequena necessidade de adquirir porções de “conhecimento” de livros ou “professores”. Técnicas xamânicas não estão amarradas com conceitos como “espiritualidade” ou “transformação pessoal” — a magia xamânica está firmemente enraizada no mundo social dos encontros, dramas, e reuniões. Se você está realizando um trabalho de identidade ou investigando os mundos do Mítico, você deve eventualmente retorno ao mundo ao seu redor.

Paisagens Sonoras

Paisagem Sonora é um grupo de exercícios que explora como usar palavras, tons e padrões sonoros para construir uma “imagem” — criando a atmosfera apropriada

para o tema escolhido. Meu exemplo favorito de uma Paisagem Sonora vocal é uma produzida por um drama experimental em grupo, quando é pedido que se expresse o tema de “Doces”. Cada um dos membros do grupo escolhe “mantras” usados em *jingles* de propagandas e desenvolvem ritmos individuais, de modo que o resultado da Paisagem Sonora foi uma mistura de:

N.T.: por se tratar de *jingles* de propagandas e envolverem o nome de suas marcas, não traduzimos as mesmas.

1. *Only the crumbl-iest, flaki-est choc-late, tastes like chocolate nev-er tasted beefore!*) (prolongado, cantado em voz alta)
2. “Chocolate quente, beben-do chocolate.” (Cantado rápido).
3. “*Skittles*” (repetido com uma pausa entre cada nova citação).
4. “*Mars-Bars*” (cantado em som baixo, mais lento que o N. 2).
5. “*Smartie*-People-are-happy-people” (leve refrão)

Entendeu a idéia? É útil ter pessoas para encorajar mentalmente as idéias sobre um assunto ou tema particular, e então escolher uma palavra ou frase para usar como o início e um canto. Você também pode usar Paisagens Sonoras para evocar e exagerar humores, e desenvolver os próprios cantos grupais para rituais e lançamento de feitiços.

Paisagens Oníricas

Fui apresentado à idéia da Paisagem Onírica enquanto participava de um grupo de teatro experimental — O *Theatre of Voodoo* (infelizmente agora extinto). A idéia básica é que, conforme o grupo passa pelo processo de formação, as pessoas obviamente se tornam mais íntimas umas com as outras, e isso pode ser refletido pelos sonhos compartilhados, ou sonhos onde membros do grupo estão em uma

situação particular. Conforme o grupo se desenvolve, também se desenvolve um espaço psíquico compartilhado — a *Gestalt* mental (uma palavra germânica que significa ‘mais do que a soma de suas partes’). A Paisagem Onírica é o desenvolvimento da dramatização onde uma pessoa descreve seu sonho, e o grupo trabalha para transformar os elementos do sonho em um evento dramático, onde o originador do sonho assume um dos papéis do sonho-imagem, e mais alguém se torna o ‘sonhador’. Um dos exemplos que tentamos foi usando o tema dos “pesadelos”, todos nós compartilhamos experiências com pesadelos recorrentes, e então, em seguida, roteirizamos um jogo com as imagens dos sonhos de cada membro do grupo.

As Paisagens Oníricas eram construídas utilizando uma combinação de Paisagens Sonoras, fitas, efeitos luminosos, máscaras e outros acessórios. Descobrimos que trabalhar com as imagens dos sonhos dos outros ajudava a desenvolver um tipo de mundo mítico do grupo, em que poderia ser acessado através dos sonhos e atividades do grupo.

Expressar em ações os sonhos também é muito benéfico em termos de entender seus próprios simbolismos oníricos, e descobrimos que começamos a trabalhar com o sonho do outro, então as imagens do mundo de sonhos de cada um começa a ‘sangrar’ nas experiências oníricas dos outros. A Paisagem Onírica pode dar origem a surtos emocionais, e é sábio lidar cuidadosamente com isso. Seria interessante descobrir se é possível entrar no mundo onírico de uma pessoa que está dormindo utilizando este tipo de prática. Pensamos em sonhos como algo altamente pessoal, mas eles podem ser trazidos para o mundo social — e da mesma forma, o mundo social pode nos fornecer uma porta de fundo para os sonhos.

Mímica

Creio que a minha primeira concepção de não saber o que fazer com minhas mãos foi durante uma das minhas primeiras tentativas de falar em público. Elas foram subitamente transformadas de manipuladoras de ferramentas para coisas inconvenientes que, não importa o que eu fizesse com elas, isso não fazia com que eu me sentisse muito confortável. Foi só quando eu comecei a ver como os atores no palco usavam suas mãos — seja enfatizando um discurso ou dando totalmente uma nova mensagem, que eu comecei a perceber o potencial e poder da mímica e do gesto. Ser capaz de gesticular mensagens é uma habilidade útil, parte muito importante do repertório xamânico, usado pelos espertalhões/*tricksters*, palhaços sagrados e atores em toda época e cultura. Por exemplo, um homem se senta de pernas cruzadas, olhos fechados e face impassível. Uma mulher se aproxima cuidadosamente, exagerando seus movimentos. Agachada ao seu lado, ela parece estar cuidadosamente retirando algo parecido com um verme do ouvido do homem — ele faz uma careta de dor, enquanto todos os movimentos dela sugerem que o verme (se é que há um) está resistindo aos esforços dela de retirá-lo. Finalmente, com um gesto, ela o arranca, e enquanto o homem relaxa, ela esfrega suas mãos, como se limpasse algo viscoso de suas próprias mãos. Agora, dependendo das circunstâncias, essa cena poderia ser uma comédia encenada por diversão, ou a descrição poderia muito bem ser aplicada a cura de uma *xamãka* (*shamanka*, feminino de *xamã/shaman*) curando um cliente, ao extrair um espírito mau. O ponto que estou querendo atingir é que, enquanto podemos usar a mímica como palhaçada ou comunicação, ela também é parte importante da outra *mágicka*, tal como a cura ou a luta com espíritos.

A mímica também é uma técnica útil pelo fato de que seus elementos são uma linguagem física. A linguagem falada é em maior parte, direcionada para a nossa consciência desperta. Linguagens físicas, por outro lado, falam diretamente a Mente

Profunda (Inconsciente). Olhe em sua volta e veja como todos nós utilizamos gestos, e você começará a entender que grande parte de seu poder vem de nossas reações quase impensáveis. Podemos, simples e rapidamente, transmitir uma mensagem com poucos gestos em menos tempo do que falar ou escrevê-la. Gestos também reforçam o ‘poder’ da frase falada. Uma forma fácil de demonstrar isso é ter pessoas tentando conflitar mensagens faladas e gestos, como falando para alguém “venha aqui”, enquanto ao mesmo tempo gesticula para elas para ficarem onde elas estão ou mesmo irem embora!

Também pode ser útil observar a linguagem de sinais, tal como o que foi desenvolvido para as pessoas que não possuem, ou falam de forma debilitada. Usuários experientes podem ‘sinalizar’ muito mais rápido do que se a mensagem fosse falada em voz alta, e as línguas de sinais são também mais usadas em situações onde a necessidade de silêncio é fundamental — como em uma caça ou na guerra. Isso conduz, obviamente, para a idéia de gestos sagrados — como os utilizados por dançarinas sagradas, aqueles realizados nas disciplinas CorpoMente, e gestos ritualísticos.

Em *Andando Entre Mundos* (*Walking Between The Worlds*, disponível em <http://www.gtobr.org>) eu mencionei a Mudança de Forma como um exemplo de uso da mímica, mas, claro, qualquer figura reconhecível do folclore às novelas poderia ser apropriada, fornecendo a eles a base característica que pode ser trabalhada. Aqui estão alguns exercícios mímicos que eu utilize em grupos:

Elementais

O arranjo deste exercício exige que o grupo esteja deitado, com bastante espaço entre cada pessoa, e o facilitador em uma cadeira ou em uma cadeirinha no centro. O facilitador explica que ele(a) é um poderoso(a) mago(a), enquanto o grupo forma a

base para os elementais, de diferentes naturezas, e que o(a) mago(a) permitirá que eles tomem a forma das naturezas elementais. O/A 'mago(a)' concede as imagens utilizando frases, enquanto o grupo utiliza mímicas, em seu próprio modo, evocando os sentimentos e pensamentos que estas frases provocam. Uma seqüência pode ser dessa forma:

1. Terra — placas tectônicas se deslocando, continentes à deriva, colinas de granito desgastando-se, tremores de terra, vulcões expelindo...
2. Fogo — chamas bailando, avançando, consumindo, contorcendo, crescendo, se espalhando, chicoteando pelo vento, tornando-se...
3. Ar — brisas suaves, rajadas de ventos repentinas, nuvens dançando, tornando rodopiando, tempestades fazendo curvas acima da água, tornando-se mais baixas através das ondas...
4. Água — as profundidades, os redemoinhos mansos, correnteza, escorrer, fluir, borbulhar, estrondar, tempestades no mar, arrebentação, surf, bater contra rochas... bater contra rochas novamente.

Neste ponto você pode voltar para a terra, e trazê-los para que eles possam descansar novamente, ou pode ir além, e deixar que a mímica cresça das árvores, ou mesmo das cidades.

Outro incremento deste exercício é durante a realização de rituais, ter pessoas agindo como elementais, e dançando ou gesticulando com um elemento em particular, acrescentando seu poder ao ritual. Este tipo de atividade em grupo pode ser aumentada por cada indivíduo explorando sua própria relação pessoal com cada elemento.

Jogos de Mímicas

Jogos em grupo envolvendo mímica podem variar de uma prática em que o grupo está sentado em círculo e gesticular uma ação para o vizinho — que deve então adivinhar qual era a mímica, gesticulando outras posturas e gestos característicos. Enquanto eles são jogos, eles agem como uma introdução útil (e divertida) para o poder do gesto & gesticulação. Uma vez que começamos a olhar para o poder da linguagem física utilizada diariamente, então podemos começar a trabalhar em torno dela. Peças curtas de dois minutos podem ser úteis aqui, por exemplo, com mímicas rápidas da criação de vários mitos. Mímicas também podem ser encenadas em câmera lenta — quando combinadas com outras técnicas, ela pode ser muito efetiva no encantamento dos transes em grupo.

EXPLORANDO NOSSOS MUNDOS MÍTICOS

A maior parte deste livro preocupa-se com as técnicas e conceitos relacionados com o trabalho no campo Mítico de nossa experiência. Os exercícios seguintes devem ser tomados como diretrizes para o início de tal exploração. Sempre que possível, tentarei explicar a estrutura subjacente de um exercício ou conceito, e relacioná-los aos Mundos Sociais e Pessoais.

Explorações do Mundo Interior

Os ‘Mundos Interiores’ são paisagens mentais nas quais podemos viajar, encontrando várias entidades, e deslocar através da experiência e aprendizado transformativo, utilizando histórias, lendas, e ciclos que possuem proporções Míticas. Mas, eles são reais? Você pode perguntar. Isso realmente depende de quem pergunta, e a resposta provavelmente variará de um extremo a outro — sim, elas são reais, ao não, elas não

são mais do que fantasias imaginárias. Qualquer extremo é uma má interpretação da natureza da imaginação. Em qualquer caso, quando você se aproxima da magia, toda a idéia de realidade subjetiva e objetiva se torna obsoleta. Nós tendemos a pensar na imaginação como uma qualidade passiva, não como um meio pelo qual podemos afetar o mundo. No entanto, através da imaginação, dada a estrutura e significado vestidas em imagens simbólicas, podemos na liberação das energias da Mente Profunda mudar a nós mesmos — para realizar o trabalho de identidade, para influenciar os complexos do nosso CorpoMente, ou para trazer mudanças na realidade ‘externa’ em torno de nós.

Os mundos internos são reais na medida em que investimos em acreditar neles. Os mundos internos são paisagens mentais que refletem e reforçam experiências de aprendizado transformativas particulares, de modo que podemos focar nossa consciência em um conjunto de experiência, isolando e identificando-as, a partir do que Austin Osman Spare chamou de “o caos do normal”. Nossa relação com elas é muito parecida com os mundos que entramos quando assistimos “a tela de prata” do filme ou televisão. Apesar de saber que todos estes mundos são ilusórios, nós ainda somos capturados pelos enredos das novelas de TV, assustados pelos filmes de terror, afetados pelo drama — não é estranho durante períodos de iniciação ser provocado por um filme ou programa de televisão. É a qualidade da crença que permite que estes mundos se tornem real, e um monte de gente, investindo no mundo interno com a crença em um longo período de tempo, que lhe dá poder para que se torne Mítico — um reflexo de nossa psicologia; nossas esperanças, aspirações, medos, completos estereótipos — entidades que personificam determinadas qualidades ou facetas de nossa experiência. A principal diferença entre os mundos internos eletronicamente criados e aqueles criados magicamente é a intensidade da experiência transformativa que eles nos causam. Uma novela de TV como ‘*Eastenders*’ possui muitos pontos de contato com os nossos mundos Sociais & Pessoais — as histórias são daquelas relações sociais e há pouco que seja

intrinsecamente esotérico. A intensidade da fantasia é pequena, e então o mundo dos *Eastenders* parece apenas ser de seu alcance interno.

Vamos ver algo um pouco mais fantástico — o mundo do ‘Star Trek’. Muitas pessoas estão mais familiarizadas com o universo de Star Trek do que qualquer outro mistério religioso. É uma aposta bastante segura que maior parte das pessoas sabe quem é Mr. Spock, do que saber quem é Lugh. O universo de Star Trek tem um conteúdo de alta fantasia e aparentemente possui alguns pontos de contato com as nossas experiências dos mundos ‘cotidianos’. No entanto, Star Trek é um reflexo moderno, mítico de nossa psicologia. As personagens personificam qualidades específicas — Spock é lógico, Sulu é muitas vezes retratado como uma figura marcial, Scotty é um ‘mestre construtor’, e Kirk é um árbitro, sempre buscando resolução de conflitos através de meios pacíficos. À medida que “entramos” no universo de Star Trek, encontramos maior profundidade e sutileza. Descobrimos que o universo possui suas próprias leis, as quais os personagens estão sujeitos, e são internamente conscientes. A cada episódio podemos descobrir que nós estamos recebendo compreensão no Mundo Pessoal de um personagem-chave. Como nossos mundos diários, o universo de Star Trek tem um limite além do qual está o desconhecido — o futuro, o espaço inexplorado, as conseqüências de nossas ações — seja quais forem os curingas com os quais lidamos. Por esta razão assistimos TV, e entramos, como um observador, no desenrolar de um evento Mítico. Podemos aumentar este senso de participação através de um RPG, onde a crença do grupo nos permite gerar, por algumas horas pelo o menos, a semelhança do universo de Star Trek, no conforto de nossa sala de estar. É relativamente fácil gerar o mundo de Star Trek, devido à grande quantidade de livros, quadrinhos, vídeos e suplementos de RPG que estão disponíveis para manter este universo.

Agora, tudo isso é muito bom, você pode dizer, pois, afinal de contas, é apenas entretenimento. Os mundos internos mágicos estão ligados com o desenvolvimento

espiritual e provocam uma mudança na consciência, e não é a televisão que sufoca a imaginação de qualquer maneira? A resposta, obviamente, é que ele depende de como você o utiliza. O mundo da magia & xamanismo abunda com especialistas e autoridades em cada assunto. Cedo ou tarde você terá que desenvolver um senso de discriminação para o que é útil para você e o que não é. Como você provavelmente já imaginou, eu estou bem com Star Trek. Enquanto eu estou entretido no universo de Star Trek, eu poderia também utilizá-lo (com alguma modificação) como um mundo Mítico no qual entrar e buscar alguma mudança.

O que estou dizendo é que eu não favoreço um conjunto de mundos internos sobre os outros — Star Trek, Mito Céltico, trunfos do Tarot, imagens alquímicas, histórias da criação grega, mundos ameríndios — seja realmente um caso daquilo que gira em torno de você. Algumas pessoas podem argumentar que quanto maior o ciclo Mítico for mais poderoso ele é. Este não é necessariamente um pensamento verdadeiro — parece mais importante do que como a clareza da natureza é refletida, em vez de turvada pelas imagens e símbolos utilizados. Mitos antigos geralmente são confusos. Muitos dependem de quem os escreveu, e a partir de qual ângulo — mitos podem ter sido dobrados pelos políticos.

Quando abordamos mundos internos, é a estrutura subjacente que é importante, ao invés dos detalhes da superfície. É útil ter em mente os seguintes pontos:

1. *O simbolismo & imaginário devem ser internamente consistentes.* Se você for utilizar o simbolismo céltico, então a intrusão de algo evidentemente não céltico, como uma arma laser, não vai reforçar sua crença na 'realidade' daquele mundo interno.

2. *Não exagere nos detalhes.* Pessoas que jogam RPG apreciam isso — você não pode fazer um mundo interno muito detalhado, pois isso lhe tomará muitas horas

trabalhando nele. A imaginação trabalha melhor quando ela possui áreas livres por onde possa fluir, onde símbolos e imagens surgem organicamente da Mente Profunda. Nenhum mundo é em si completo, e os mundos internos são um meio de abordagem do desconhecido. Os símbolos mais poderosos, em geral, são os mais simples, claramente declarados ou momentaneamente vislumbrados. Eu experimentei um exemplo disso recentemente durante um *pathworking* projetado para criar um modo apropriado para o *scrying*/vidência. Foi uma caminhada simples por um deserto, até que chegamos a dois vastos pilares de rocha. Em pé entre eles estava um guia — um deus com cabeça de chacal que nos conduziu ao templo subterrâneo que seria no local onde o *scrying* aconteceria. O imaginário era vagamente egípcio, mas muito indefinido. Em vez de dar a descrição completa do guia (Anúbis) como uma forma-divina tradicionalmente egípcia, ele era simplesmente descrito como “... deus com cabeça de chacal... abridor do caminho”. A imagem que foi era a de um humanóide com cabeça de chacal, vestindo uma complexa armadura corporal, com tubos e circuitos visíveis, e com luz a laser penetrando a escuridão. Pode não ter sido tradicional em exatidão, mas foi apropriado para mim, que é o que conta.

3. *Permita-se entrar em diferentes situações.* Você pode imaginar um mundo interno onde tudo é bom e agradável e relaxante — se relaxamento é tudo o que você quer. Se, no entanto, você está procurando mudança, como em um trabalho de identidade, então você terá que entrar em situações que são desafiadoras, intimidadoras e até mesmo aterrorizantes. Ao focar em diferentes aspectos do *self*, refletido através das imagens Míticas, o trabalho de um mundo interno pode disparar um processo transformativo em nós, permitindo nos adaptarmos e mudarmos da maneira que desejamos. Muitas viagens ao mundo interno são enganos da morte — ameaçando o ego com desarranjo, de modo que possamos lentamente transformar a nós mesmo em padrões mais vitais e dinâmicos. As imagens e símbolos ficam mais potentes, à medida que eles atingem a Mente Profunda.

4. *Um mapa é muito útil.* Quer ir a alguma lugar que você nunca esteve antes? Fácil, tenha um mapa. O mapa não é o território em si, mas é uma ferramenta que te ajuda a encontrar seu caminho no território, em torno dele e além dele. O mundo é válido para os mundos internos, e é por isso que há uma turba de mapas psicológicos e cosmológicos abundando em diferentes culturas, pois o mapa nos permite entrar dos mundos fictícios às cosmologias xamânicas e a estrutura mais formal da Qabalah. Estes mapas não são meramente conceitos arbitrários, mas agem para focar e dirigir as energias ligadas através do ingresso das estruturas simbólicas. Os mapas estão em um sentido de circuitos de diagramas, nos permitindo diferenciar entre diferentes aspectos da experiência. Através da criação de padrões de experiência ordenada, podemos aproveitar os poderes da Mente Profunda. Deste modo, entramos em diferentes mundos internos por diferentes razões, e podemos entrar em diferentes estruturas Míticas para alcançar objetivos particulares. Conforme você desenvolve, você tenderá a achar que você descobriu ‘rotas secretas’ para territórios não marcados no mapa que você está autorizado, ou, como um resultado de sua exploração, descobrir territórios que nunca foram antes mapeados! Todos os mapas sagrados possuem “portas escondidas”, túneis e portais através dos quais apenas aqueles que conhecem os “alinhamentos sagrados” podem entrar. Você deve aprender a conhecer os seus caminhos bem trilhados antes que você possa ter oportunidades com as rotas invisíveis.

5. *Não exagere.* Viajar pelo mundo interno pode ser uma técnica muito útil, mas há suas limitações e até mesmo perigos. O perigo mais óbvio é de que se torne uma forma de hábito. Você pode chegar ao extremo onde você prefere o seu mundo interno ao que está acontecendo em torno de si, e é fácil perder o sentido de equilíbrio e discriminação.

Jornadas ao Mundo interno é algo popular — você pode fazer isso sozinho, utilizando um livro ou uma fita de áudio, e não é necessário muito esforço. Ela serve para reforçar a divisão entre mente e corpo que é tão prevalente em nossa cultura. É neste ponto que você deve parar e analisar o motivo pelo qual você está fazendo isso em primeiro lugar. As jornadas ao mundo interno é um meio — para alcançar uma consciência maior, percepção, e conectar linha de símbolos e associações na Mente Profunda — e não um fim em si. Tenha em mente que elas podem disparar poderosas experiências transformativas, e devem ser abordadas com cautela. Algum tipo de exercício de centragem/centralização/equilíbrio (descrito em breve) é eficaz como um prelúdio, e em seguida, ao *pathworking*.

6. *Mantenha um registro de todas as suas jornadas.* Isso deve ser enfatizado, uma vez ou outra. Eu sei que nossos ancestrais não escreviam, porém eles não viviam em uma cultura em que a rápida abordagem de informação se torna uma sobrecarga, onde muitos sinais se chocam pela atenção, de modo que seja muito fácil de esquecer as coisas. Manter um registro é uma disciplina — isso ajuda a estabelecer suas experiências, e dá a você um meio de avaliar seu progresso.

Descrever imagens, visões e encontros também ajudam a encaixar as imagens em nossas mentes, e as pessoas geralmente descobrem que, quando escrevem uma experiência de *pathworking*, elas relembram facilmente coisas que esqueceram, ou não perceberam.

O quão útil os Pathworkings são?

O número de paisagens mentais é infinito — limitado talvez, apenas, por suas próprias noções dos mundos que você deseja entrar. A prática do *Pathworking* nos fornece uma maneira de entrar em situações mais abrangentes do que a vida (normal) onde, participando de um ciclo mítico, encontrando com deusas, espíritos,

seres de todos os aspectos da realidade, você pode ganhar novas perspectivas sobre nós mesmos e o mundo, ou pode iniciar novos ciclos de mudança e atividade. Você pode explorar símbolos & mitos que surgem a partir Mundo Social — do passado e da fantasia, e você pode explorar imagens que surgem do Mundo Pessoal.

Através delas, você pode explorar a imaginação conscientemente; reentrar em seu passado pessoal e descobrir os juramentos esquecidos ou escondidos que fazemos a nós mesmos. Você pode explorar outros sentidos, utilizando música, incenso ou sabores, e “ver” quais associações e imagens nascem da Mente Profunda. Você pode tomar as formas de animais, reais ou imaginários, e descobrir qualidades que podem estar além do que as pessoas escrevem ou além de correspondências. Você pode “morrer” periodicamente, e renascer, sutilmente alterado pela experiência. Você pode se relacionar com espíritos de todos os aspectos, que podem então, posteriormente, trabalhar em outras atividades mágicas. Talvez, mais importante, eles podem ajudar no desenvolvimento tanto da intuição quanto do senso de discriminação. Nem tudo o que você encontrará em suas paisagens mentais será benevolente, nem estará necessariamente falando a verdade. Temos uma incrível capacidade de mentir para nós mesmos, fingindo saber coisas que não sabemos, tentando impressionar os outros, e estas qualidades, como qualquer outra, podem ser encontradas nos mundos internos. Todos os sistemas mágicos possuem histórias sobre isso, sobre espíritos que mentem ou distraem o incauto. Fantasmas são notoriamente caprichosos, e você precisa desenvolver um sentido para reconhecer a validade de uma experiência. Isso é difícil, especialmente em uma sociedade como a nossa em que muita informação é adquirida de livros ou de uma tela. Esta, como muitas outras vezes, é onde é útil e benéfico ter alguém por perto para conversar.

Você pode começar a experimentar as práticas de *pathworkings* realizando simples jornadas baseadas nas imagens que você conhece sobre si mesmo. Você deve desejar explorar e mapear as áreas do *self* — gostos, desgostos, hábitos, medos, experiências

passadas e sonhos, os traduzido em imagens da qual você pode basear uma jornada; do contrário, as paisagens mentais que você conscientemente decidir explorar podem servir apenas para futuramente distorcer a história de como você gostaria de ver a si mesmo, e como você atual e verdadeiramente é.

AXIS MUNDI

O *Axis Mundi*, ou eixo central, é o centro do universo xamânico. Ele é o ponto do qual a *xamãka/shamanka* pode começar todas as jornadas, e é encontrado, de diferentes aparências, em todos os sistemas xamânicos e mágickos. O *Axis Mundi* é o local “onde todas as esferas se encontram”, da qual o xamã pode se mover em qualquer um dos mundos internos, e realizar feitos mágickos e tarefas. Ele aparece em diferentes culturas, em muitas formas. Por exemplo, para os índios Warao da Venezuela, o centro do universo é o chocalho sagrado. No Voudou haitiano, a encruzilhada é o ponto central “onde todas as estradas se encontram”. Um praticante contemporâneo do Voudou descreveu a Cidade de Nova York nos termos de que todas as encruzilhadas são um local sagrado para os Deuses, e refere-se às encruzilhadas como locais com virtude mágicka que também podem ser encontradas no folclore inglês.

Em outras partes, o *axis mundi* surge como uma escada do céu, mundo-árvore, poste, pilar ou montanha sagrada. A imagem do mundo-árvore é muito antiga, e aparece nas culturas xamânicas por todo o mundo, e é provável que a árvore bíblica do conhecimento, e sua contraparte, a ‘Otz Chaim’ da Qabalah foram desenvolvidas a partir de fontes xamânicas. Lembre, o xamanismo é a raiz da mágicka, da arte, dança, teatro, e filosofia. Todos os sistemas mágickos possuem elementos xamânicos neles. A imagem da árvore-mundo também aparece em textos alquímicos, pintada nas paredes de cavernas de períodos anteriores à era paleolítica, e na iconografia tântrica como a árvore sobre a qual as letras sagradas do alfabeto hindu estão suspensas.

É importante reconhecer que, para os praticantes de mágicka (seja qual for a abordagem que você adote), o *Axis Mundi* não é somente um objeto físico ou um lugar, mas também uma condição interna — o eixo, por assim dizer, de nossa vida e experiência interna. É uma questão de estabilidade e equilíbrio — desenvolver o balanço interno. A princípio, esta definição parece ser paradoxal, afinal, boa parte da atividade xamânica, muitas vezes surge como algo incompreensível para quem está de fora e como eu defino em *Andando Entre Mundos* (disponível em www.gtobr.org), o trabalho xamânico pode ser muito cansativo, tanto mental quanto fisicamente. Um equívoco popular que surgiu é de que o xamã é uma figura estranha, pois de alguma forma a insanidade é vista como ‘sagrada’. Há pouca evidência para apoiar isso.

Embora a experiência xamânica envolva acessos periódicos de crises psíquicas, doenças vocacionais, e descidas ao submundo por meio de alguma forma de perturbação criativa, estas são apenas transições necessárias, ou períodos de ‘picos’ de iniciação. É através destes processos que a xamãka/*shamanka* desenvolve o equilíbrio e balanço necessário para viajar entre os mundos e trabalhar com os espíritos. Mircea Eliade, em seu trabalho clássico sobre xamanismo explica a relação entre o xamã e os processos iniciáticos:

“Não é ao todo surpreendente que tais enfermidades sempre apareceram em relação aos homens da medicina. Como o homem doente, o homem religioso é projetado a um plano vital que mostra a ele os dados fundamentais da existência humana, isto é, a solidão, perigo, hostilidade do mundo circundante. Porém... o xamã, não é somente um homem doente; ele é, acima de tudo, um homem doente que foi curado, que conseguiu curar-se”.

Não esqueça que é o xamã quem age como intermediário entre a comunidade e a cosmologia — entre a tribo, e o mundo dos espíritos, augúrios e ancestrais. Outro equívoco popular é que se você está usando técnicas xamânicas, então você não tem como realizar qualquer outro exercício rigoroso ou prolixo como yoga ou visualização. Algumas pessoas pensam que, pelo o fato da magická xamânica ser vista como ‘espontânea’ ou ‘intuitiva’, então você pode escapar com uma abordagem casual. Isto, para ser franco, é loucura. Você pode ser este tipo de ‘xamã’ na segurança de sua quitinete, mas no mundo selvagem, xamãs desleixados não durariam muito tempo! Se você observar as lendas de diferentes culturas xamânicas, todas elas tendem a enfatizar que nem todo mundo é um xamã; que para ser um xamã é necessário um senso de equilíbrio interno ou balanço, quer você esteja subindo uma escada de facas ou cruzando um precipício que é atravessado apenas por um único fio de cabelo.

Centralização/Centragem/Equilíbrio

Tendo enfatizado a necessidade de equilíbrio, veremos alguns exercícios que ajudarão você a desenvolvê-la. Este tipo de trabalho é geralmente conhecido como Centralização/Centragem. Na mágicka Ocidental (pós-Golden Dawn) ela é conhecida como banimento. A forma mais conhecida de banimento é um pequeno ritual conhecido como “ritual menor de banimento do pentagrama” que envolve o tracejado de pentagramas no ar, invocação de arcanjos, e chamado de forças divinas. Espere aí, você pensaria, isso não é muito ‘xamânico’, é? Bem, não se preocupe, eu não vou descrevê-lo (veja as Leituras Adicionais para mais detalhes), nem vou empurrar uma contraparte ‘xamânica’ para você. O que é importante são os princípios por trás deste exercício. No ritual mágicko ocidental, um banimento é realizado no início e fim de todo trabalho, seja este um ritual completo, uma jornada ao mundo interno, uma meditação, etc. O primeiro banimento age como auxiliar para lhe preparar das seguintes formas:

1. Ele foca sua atenção no trabalho que você está prestes a realizar, e ajuda você a se isolar de pensamento sobre assuntos do cotidiano — contas, o que você terá para o jantar, etc.
2. Permite a você começar a tomar o seu ‘papel’ como uma figura Mítica — como você se vê quando trabalha magicamente.
3. E o mais importante de tudo, ele age para lhe Centralizar dentro de seu universo mágicko.

Então, o que envolve a Centralização? Muitos exercícios de Centralização, independente da tradição ou cultura de onde eles são originados, compartilham de elementos semelhantes. São eles:

1. Marcar ou definir a área que está sendo usada como um ‘espaço sagrado’.
2. Simbolicamente ordenar, por identificação, as principais zonas, portais, dimensões, ou universo mágicko escolhido. O ponto central do qual se torna o *Axis Mundi* — uma reflexão física e reforço do nosso próprio equilíbrio interior.
3. Identificação com a fonte de inspiração escolhida — fundindo o macrocosmo (universo total) com o microcosmo (*self*).

A primeira parte do exercício é geralmente conhecida na Mágicka Ocidental como “Lançar o Círculo”. Aqui está a descrição de Sheila Broun sobre como ela cria o círculo dela:

“Ao criar formalmente um círculo, você define os limites onde você está trabalhando. Eu gosto de criar meu círculo decorando ele. Eu coloco um incenso ou penas no leste, para o ar, com uma cor apropriada, como o azul. Velas e coisas vermelhas ao sul, para o fogo, água e conchas no oeste, e pedras e cristais ao norte”.

Outras formas de definir o local de trabalho incluem varrer o local, a criação de varas com cabeças esculpidas de animais totêmicos, marcar o território com cinza, giz, farinha ou cordas, ou fixar tecidos com padrões traçados neles.

A segunda parte é simbolicamente ordenar seu universo mágicko. O espaço sagrado é um reflexo do universo mais amplo, então, ao mover algo que é de fato o *Axis Mundi*, você pode acessar ou influenciar qualquer parte do universo. Isso pode ser feito ao marcar os elementos básicos do universo. E isso pode variar do mais simples — os quatro pontos cardeais do norte, sul, leste e oeste — aos complexos raios de portais e túneis. No padrão de Centralização Ocidental, o mago permanece no centro das quatro direções, focando em cada uma delas como se fossem direções físicas, qualidades internas e forças espirituais. Novamente, isso assume várias formas, como a chama dos quatro ventos (mitologia grega), os quatro grandes arcanjos da qabalah, os quatro serviços elementais do mito hindu, ou as quatro ‘torres de observação’ na Wicca (que é originado da mágicka enochiana do Dr. John Dee, um mago elisabetano). Alguns sistemas, como a mágicka tântrica ou chinesa, dividem o círculo em oito direções. Isto também ajuda a situar qualquer Objeto Elemental de Poder que você tenha em pontos apropriados do círculo.

A terceira parte do exercício parece algo abstrato, mas é totalmente simples. Na verdade, você adota uma postura de ser “um” com qualquer imagem ou símbolo que você tem da fonte de energia primal — tal como um “Grande Espírito”, uma Deusa ou Deus, Tao, Vazio, etc. Os símbolos & imagens que você adotar para ordenar o exercício estão, geralmente, acima de você. A coisa mais importante é que eles sejam

significativos, e consistentes com quaisquer símbolos e imagens com as quais você esteja trabalhando. Se você está explorando o xamanismo celta, então um ritual de centralização baseado na Qabalah será um pouco impróprio. É importante usar símbolos & imagens que são poderosos para você, pois a centralização afeta a Mente Profunda, disparando associações e imagens. Se você foca sua atenção para o leste, por exemplo, chamando um espírito escolhido para estar diante de você e se tornar 'parte' do círculo; o que você está efetivamente fazendo é ligando uma série de associações: as qualidades físicas do elemento relevante — as qualidades psicológicas do elemento — com as energias espirituais associadas com tal elemento — e qualquer mito ou lenda associada.

Estas ligações formam uma corrente que ata experiências dos mundos sociais, míticos e pessoais; que descem para a Mente Profunda, compondo experiências arquetípicas, e estimulando a liberação de energia. Cada parte do exercício de Centralização é o que permite que você equilibre diferentes aspectos de seu *self* em um conjunto mais dinâmico. Cada vez que você fizer isso, ela se torna mais eficaz.

Este primeiro exercício de centralização é uma preparação para a atividade mágicka, embora obviamente, ela pode ser feita como um exercício em si. Se você possui um lugar de poder como descrito anteriormente, então este pode ser usado como seu *Axis Mundi*, e o exercício de centralização pode ser um pouco mais simples — esta é uma questão de gosto individual e confiança. Pessoalmente, eu costumo utilizar rituais & exercícios razoavelmente complexos, como o Ritual Menor do Pentagrama mencionado anteriormente, e então sigo com exercícios mais simples conforme minha confiança aumenta. Prosseguirei com o uso dos Objetos de Poder como eixos centrais em breve. Após você ter realizado o foco principal de sua atividade, é essencial repetir o exercício de Centralização. Por que isso é necessário? Bem, porque quando você está realizando o seu trabalho extático, sua jornada ao mundo interno, etc., a última coisa que você precisa é ter a atenção desviada por pensamentos como

“O que será que passará na TV mais tarde?”; seria igualmente indesejável uma visão súbita do resultado do seu trabalho (a menos, é claro, que você queira especificamente que isso aconteça). Esta parte da Centralização é conhecida como Aterrar-se — i.e, literalmente trazer a si mesmo ‘de volta para a terra’. Uma amiga com habilidade de clarividência me falou de uma anedota exagerada que ilustra porque a aterragem é uma necessidade. Ela estava realizando algumas práticas de *scrying*/vidência, mas posteriormente desleixou e não realizou o aterramento. Enquanto dirigia para o trabalho na manhã seguinte, ela olhou rapidamente no espelho retrovisor, e repentinamente a mente dela foi inundada com uma torrente de imagens, ao invés de imagens hipnagógicas que às vezes são vistas quando você está muito cansado. Felizmente, ela manteve o controle do carro e o fez parar, mas se ela estivesse na hora do *rush*, o resultado poderia ter sido desagradável!

Qualquer tipo de trabalho mágicko afeta a Mente Profunda. Muitos exercícios e técnicas permitem que você traga um aspecto de sua psique para a frente de sua consciência. O aterramento serve para restaurar o equilíbrio, para que você possa manter seu senso de estabilidade e balanço. Periodicamente, você provavelmente entrará em período de desequilíbrio — é impossível crescer sem isso. É importante reconhecer isso quando ocorrer e abrir-se a ela, pois ao mesmo tempo, há uma diferença total entre “afogar-se” em tal experiência, e saber que ela dura o tempo para passar — e então para sair na outra extremidade.

OBJETOS DE PODER

Muitos dos sistemas mágickos possuem objetos físicos para auxiliar o praticante. Na Mágicka Ocidental eles são conhecidos como Armas ou Ferramentas Mágicas. Na terminologia do xamanismo moderno, eles são conhecidos como Objetos de Poder. Eles incluem cristais de quartzo, instrumentos como tambores, berrantes, chocalhos, e qualquer outra coisa que o xamã utilize como um auxiliar. Alguns Objetos de Poder

podem ser “tradicionais” — parte da cultura, enquanto outros podem ser “objetos encontrados”. Como o xamanismo capturou a imaginação popular, há um mercado criado para os artefatos xamânicos “de aparência autêntica”. Isso em si pode ser algo bom, mas pode facilmente ser levado aos extremos — como as notícias mais recentes denunciam que algumas espécies raras de pássaros da América estão sendo caçadas impiedosamente para que seguidores do movimento New Age possam ter um objeto que aparente ser xamânico. Algumas pessoas protestam quanto a ter que comprar cristais, sem perceberem que eles são importados de países do terceiro mundo, e que foram escavados de uma rocha por trabalhadores mal pagos e desprotegidos. Há também a suposição de que os objetos xamânicos devem aparentar uma etnia, quando na verdade, há mais a ser dito sobre você mesmo fazê-los, além daquilo que já está disponível em torno de você. Uma vez eu vi uma imagem de um altar xamânico venezuelano. Entre a coleção de objetos estava uma antiga baioneta que foi da segunda Guerra mundial, um cutelo do século dezoito, e um chocalho feito de uma antiga caneca de estanho!

Temos a tendência de desenvolver idéias fixas sobre qual a aparência as coisas devem ter. Isso foi ilustrado durante o Curso de Desenvolvimento Xamânico (*Shamanic Development Course*) quando fomos procurar por instrumentos musicais improvisados. Quando anunciamos que o próximo projeto era fazer pelo o menos um instrumento musical para um encontro no próximo final de semana, pelo o menos uma pessoa se virou e disse que isso não era possível — por conta das idéias dela sobre o que constituía um instrumento musical. E o mesmo é verdadeiro para os Objetos de Poder. Realmente não importa com o que eles parecem, desde que eles funcionem para você.

Alguns Objetos de Poder possuem funções específicas. Os seguintes exemplos foram retirados de diferentes culturas xamânicas:

O Chocalho

O Chocalho, como mencionado anteriormente, representa em algumas culturas, o eixo central do universo xamânico, e é usado pelo xamã para convocar espíritos e Deuses. A alça vertical do chocalho é outra versão do mundo-árvore, pela qual o xamã ascende durante o transe. A cabeça do chocalho representa o reino celestial dos espíritos e ancestrais. Para algumas culturas xamânicas, o chocalho também simboliza o fogo, como um elemento purificador e fortificante, usado em rituais de cura para conter o calor das febres. Um exemplo interessante da importância do chocalho sagrado na cultura xamânica é o dos índios Warao da Venezuela. O chocalho sagrado deles (geralmente a comunidade possui apenas um chocalho), não é feito somente de madeira sagrada e de cabaça que possui propriedades míticas e lendas associadas com elas, mas toda a associação feita ao fogo é muito mais dramática quanto o próprio chocalho, quando chacoalhado vigorosamente pelo xamã, emitindo claramente uma chuva de faíscas! A madeira da alça é altamente combustível, e os seixos ou granulados e os cristais que a cabaça do chocalho abriga manda para fora leves partículas de madeira, que são inflamadas pela fricção dos cristais dentro dela, deixando voar faíscas da boca do chocalho.

A Flauta

A flauta aparece em quase todas as culturas xamânicas, feito de uma variedade de substâncias como ossos, bambu, juncos e madeiras sagradas — muitas vezes feitas ao queimar a parte interna de um galho seco. Eles são como canais para as vozes dos espíritos e são geralmente associados com os espíritos dos pássaros. Em algumas culturas xamânicas, as flautas possuem associações fálicas (com associações similares ao bastão na Mágicka Ocidental) e são usadas nos rituais de iniciação e ritos de passagem masculinos. Para alguns dos aborígenes de Nova Guiné, a associação apenas masculina das flautas é tão forte que ela é um tabu até mesmo para mulheres e

crianças verem a mesma. Em contraste, para a tribo do Rio Thompson da América do Norte, o apito era um instrumento sagrado para as mulheres, e caracterizava notavelmente os ritos de passagem. Às vezes as flautas possuem cinco ou seis pés de comprimento, e exigem uma grande dose de esforço para tocá-las. Algumas flautas são unidas como ‘macho’ e ‘fêmea’, e as pessoas tocam estas flautas uma contra a outra durante cerimônias tribais. Os antigos gregos consideravam a flauta como um instrumento de cura, e Demócrito recomendava que ela fosse utilizada para curar uma série de doenças, incluindo picada de cobra!

O Tambor

Muito tem sido escrito sobre o tamborilar xamânico. É uma das formas mais populares de entrar em estados extáticos (além do sexo e drogas, certamente!). Há tambores de todas as formas e tamanhos, feitos de uma grande variedade de materiais. Os ritmos produzidos podem induzir os ouvintes (e batedores) aos estados de transe, e mudanças nas batidas podem mudar o estado de consciência durante diferentes partes do ritual. As culturas xamânicas que fazem uso de tambores geralmente possuem uma bateria de ritmos específicos para o uso cerimonial. O Voodoo haitiano, por exemplo, possui “escolas” distintas de tambores com rituais e deidades particulares.

Os ritmos levam nossa consciência adiante, dos batimentos cardíacos, aos ciclos de respiração, sono, noite-dia e a passagem das estações, os ritmos promovem movimentos e ajustes associados ao corpo, e agem como um sinal para iniciar um movimento sem esforço consciente, para que menos energia seja gasta quando você começar; por exemplo, já foi mostrado que soldados podem marchar mais, e de forma melhor, com menos exaustão, quando acompanhados por uma banda marcial. A sensação de ser “transportado” vem da estrutura que o ritmo dá ao nosso sentido de tempo, e os padrões dão um sentido de continuidade. Torna-se uma atitude motora, e

a atenção é liberada (se isso é desejado). Os ritmos também podem se tornar “espelhados” por nossa atividade cerebral, e eles também afetam a frequência cardíaca.

Cristais

Novamente, há uma grande quantidade de material disponível sobre cristais, e assim como o xamanismo, eles são muito populares atualmente, tendo sido incorporado em terapias e no saber geral do movimento “*New Age*”. Na Mágicka Ocidental, cristais são comumente utilizados para ‘encaixar as coisas’ ou ‘colocar as coisas nos lugares’ — as coisas sendo, por exemplo, entidades problemáticas. Energias instáveis podem ser contidas com sucesso dentro de uma estrutura cristalina, e cristais podem ser utilizados facilmente ‘instruídos’ para aceitar energias específicas. Casualmente, é por isso que o sal é utilizado como parte dos rituais de limpeza. O sal facilmente captura a energia psíquica, e quando dissolvido em água, permite que a água seja mais facilmente carregada com energia.

Para o xamã huichol, o cristal é um xamã ancestral, que retornou do mundo do céu como uma luz solidificada, a fim de morar entre sua família como um guardião e espírito guia. Tal idéia, do cristal como espírito condensado, é comum em muitas culturas xamânicas, da América à Austrália. Os cristais utilizados no chocalho sagrado dos Warao são conhecidos como os “familiares da família” do xamã.

Ossos

É uma crença xamânica comum que a força essencial da vida ou da alma habita não na carne, mas nos ossos. Isso faz dos ossos uma substância sagrada muito utilizada para a criação de Objetos de Poder, e rituais de caça envolvendo os ossos são encontrados em todas as culturas xamânicas. Figuras esqueléticas aparecem nos mitos

xamânicos do submundo e podem ser encontradas gravadas ou pintadas em instrumentos e costumes. Os tântricos indianos fazem muito uso de ossos, transformando-os em adornos ou cocares, tigelas, e trombetas feitas de fêmur humano.

Objetos Encontrados

Os exemplos dados acima devem dar a você uma idéia sobre a complexidade dos Objetos de Poder. O mais óbvio é que o xamã está preparado para utilizar qualquer aspecto do ambiente, dando a ele um aspecto sagrado. A filosofia subjacente nesta abordagem é que a *xamãka/shamanka* está de pé de igualdade com todos os aspectos de seu ambiente — animais, plantas, espíritos. A humanidade é um participante no mundo, ao invés de ser percebida como um ser separado dele. É difícil perceber os ocidentais agindo a partir de uma premissa semelhante, uma vez que parte da atração do xamanismo para alguns de nós é a sua promessa de retorno a uma naturalidade primordial, em oposição ao avanço desenfreado da cultura moderna, onde tendemos a achar estes aspectos muito repugnantes. Podemos ver as máquinas como imbuídas com um espírito? O *Acid House* pode induzir aos estados de transe? Temos a tendência de associar o xamanismo ao ar livre, ao que está lá fora (o que sobrou disso), mas se a maioria dos povos vive em cidades, como, sendo um xamã, pode-se ajudar a comunidade? Estas são questões fáceis de ignorar ou evitar, mas se utilizar técnicas xamânicas significa adotar uma perspectiva xamânica, então isso envolve uma forma de observação do sagrado em todo lugar possível. Uma forma de começar isso é considerando os Objetos de Poder — coisa que você quer fazer ou encontrar, e que nas quais você coloca (cerimonialmente ou de outra forma) os espíritos.

A forma mais básica de Objetos de Poder é a variedade do pé de coelho. Este tipo de objeto cria uma associação talismânica — você poderia dizer que isso confina um espírito que aumenta o seu poder pessoal de sorte. Eu costumo ter uma pequena

figura cerâmica de um *pisky*, e um dia, após ler sobre Gnomos, decidi imbuir esta figura com a habilidade de encontrar coisas. Ao invés de fazer um ritual formal, eu comecei a tratar a figura como se “ele” fosse uma pessoa; educadamente pedi a ele para achar coisas para mim — com gratidão eu o agradecia quando as coisas que eu tinha perdido reapareciam (o que invariavelmente começou a acontecer), e ocasionalmente dava a ele pedaços de metal, pequenas lascas de rocha, etc., de modo que um pequeno santuário foi sendo formado; eu também o saudava quando passava por ele, e o deixava sem poeira. Eventualmente, quando outras pessoas começaram a perder coisas, eu dizia a elas “Peçam ao Gnomo”, e se elas aceitassem e assim fizessem, e o item perdido aparecesse (o que geralmente acontecia), então eu dizia a elas para irem até ele para agradecer. Se elas não fizessem assim, por perversão ele escondia as coisas que eles perderam, deixando mais tarde em lugares estranhos.

Se for possível você adotar o hábito de tratar aquilo que geralmente pensamos ser objetos inanimados como entidades independentes — talvez como casas para espíritos, você pode ser surpreendido como se relaciona com eles. O exemplo acima é apenas uma forma de ‘colocar’ o espírito em um objeto. Diferentes escolas de mágicka possuem abordagens distintas, dependendo da complexidade da cosmologia, mas geralmente se considera uma boa idéia que você coloque os espíritos em objetos, e em seguida, trate-os com o devido respeito e reverência. Tente tratar todas as ferramentas que você utiliza como se espíritos habitassem elas, e verá a diferença que existem em como usá-los. Não seja dogmático quanto a isso — acender um incenso próximo ao seu computador, por exemplo, não dará bons resultados! Claro, nem todas as ferramentas precisam de um espírito nelas — talvez apenas aquelas que temos a tendência de personalizar — como carros, por exemplo. As ferramentas que você usa como Objetos de Poder são extensões de si mesmo e da sua cosmologia escolhida, e você vai se beneficiar muito ao tratá-los como entidades vivas, imbuídas de certa quantidade de sua própria volição. Não é estranho, por exemplo, para Objetos de Poder de muito antigos terem seus próprios familiares, tendo adquirido

grande quantidade de significado Mítico de seus proprietários, e dos anos de uso. Xamãs ao redor do mundo geralmente cantam e oferecem presentes aos seus Objetos de Poder, e é um bom hábito (e que vale a pena!) para começar.

TECENDO FIOS EM CONJUNTO

Todas as técnicas deste livro podem ser usadas como exercícios separados, embora possa estender as coisas a uma conclusão, e aqui está um exemplo de como diferentes caminhos de exploração de cada mundo pode ser combinado em um processo de exploração — desentranhar fios em conjunto e tecê-los novamente para formar um todo. O exemplo a seguir foi desenvolvido a partir do trabalho ainda inédito de Neil McLachlan.

Uma das explorações mais simples, e ainda assim mais profundas, é o entendimento de como nos relacionamos com os elementos básicos do universo: Fogo, Ar, Água, Terra, e aquele que é conhecido de modo variado como espírito, tao, ou vazio. No círculo (em si um símbolo de totalidade) os quatro elementos são relacionados às quatro direções cardeais — Sul, Leste, Oeste e Norte), e o quinto elemento, ao centro. O que segue é uma série de exercícios, trabalhando em cada um dos três mundos, para desenvolver uma consciência, e entendimento de cada elemento, e do todo.

Os primeiros passos seriam reunir os correspondentes de cada elemento, dados em livros. Após isso, você meditaria sobre cada elemento, tentando reconhecer de que formas, e por quais qualidades, cada elemento contribuí para você como pessoa — como você se relacionado com o elemento do ar e suas qualidades, por exemplo, e assim por diante. Ao fazer isso, você estaria relacionando o conceito dos elementos ao seu Mundo Pessoal, e poderia descobrir que a técnica de *Scrying* é útil para lhe auxiliar na meditação dos elementos. A partir destes *insights*, você poderia

desenvolver um Escudo (ou até mesmo uma série de escudos) mostrando os elementos que se relacionam internamente com você — por exemplo, um círculo dividido em 4 elementos com o espírito ao centro e além da circunferência. O(s) escudo(s) pode ser simples ou complexo, conforme o seu desejo, e você pode continuar desenvolvendo o(s) mesmo(s)..

O próximo passo é conhecer cada elemento em natureza, e para esta parte, você precisará estar ciente dos Pontos de Poder. Você poderia encontrar os lugares onde um dos elementos é predominante, tal como a terra onde você pode sentir o poder da água; um lugar onde você pode fazer fogo sem ser perturbado pelo fogo; e para a terra, uma montanha, uma ladeira ou um vale fértil. O quinto elemento, o vazio, é um pouco abstrato, mas um lugar interior tranquilo, ou um lugar ao ar livre onde você pode ver o céu estrelado seria suficiente. Estes são os lugares para você se abrir aos elementos, para se despir de suas idéias preconcebidas sobre eles (sobre como os elementos parecem e assim por diante) e deixar que eles fluam através de você. Tente e 'se torne' o elemento, embeba-se naquilo que você sente ser suas qualidades, e deixe que sua mente vague procurando todos os caminhos nos quais os elementos aparecem, todas as formas que você conhece, suas primeiras lembranças deles. Por exemplo, analise o seu fogo e recorde de chamas, velas de jardim, vulcões, labaredas de fábricas. Tudo, do fogo primordial que é mantido vivo em uma caverna ao fogo nuclear dentro de um reator. Seja consciente, novamente, de como o elemento aparece em sua vida.

Para o espírito, ou o vazio, pense em todas as várias formas que este elemento é expresso, nos ícones e nas religiões do mundo, e sinta ele como um profundo centro dentro de si e de tudo. Faça isso em cada lugar que você escolher como apropriado.

O próximo passo é buscar um Objeto de Poder de forma sólida para condensar sua experiência de cada elemento. Para fazer isso, você pode retornar para cada um dos

locais de meditação, e pedir para cada elemento para lhe fornecer um símbolo ou presente. Novamente, você deve está aberto aos presságios. O símbolo pode surgir como um 'objeto achado' ou ser dado por alguém, ou ser atraído por seus olhos em uma vitrine. Não importa como virá, mas que você esteja ciente de que isso é algo especial. Um símbolo da terra poderia ser, por exemplo, um seixo ou um cristal comprador, enquanto você poderia encontrar algumas penas de pássaro ao longo do seu caminho diário para o elemento do ar. Um pedaço de madeira carbonizada pelo fogo (que poderia ser envernizada depois) poderia ser o seu símbolo para o fogo, enquanto uma concha ou pedaço de madeira flutuante poderia ser dado a você pela água.

Para o vazio — bem, um objeto único ou preto poderia aparecer, ou seu símbolo poderia ser um estado meditativo — poderia ser um sentimento de calma, que você reconhece, e aprender a sentir de dentro de você.

Once you have your five Power Objects, the next step is to return to your elemental places and fuse the experience of the place with the object. You can do this by again letting the experiences of each element flood through you, but holding the token so that the energies pass through you into the token.

A partir de agora, os cinco Objetos de Poder agirão como um portal entre você, e as cinco energias elementais. Você poderia utilizar cada símbolo para criar um *Pathworking* baseado em como você os sente e as imagens que estão comprimidas em cada símbolo. Você poderia utilize-los como pontos de marcação em exercício de Centralização, ou selecionando duas qualidades complementares para cada elemento, tal como gentileza e força, para a terra, e incorporá-las em seu eu como qualidades que você deseja expressar. Finalmente, em um trabalho grupal, você poderia usar sua percepção intensificada dos elementos para delinear a expressão deles — pela dança, jogos, peças, mímicas, e imagens sonoras. Ao fazer tudo isso, você não apenas estará

se equilibrando em termos destes elementos, mas também aumentando sua consciência dos mundos em torno de você, dentro de você, e além de você. Você pode ir explorar as relações entre os elementos no mundo físico, no mundo da sociedade humana, e na miríade de mitos que podemos acessar. E isso é apenas o começo...

LEITURA ADICIONAL

Shamanism - Mircea Eliade

The Elements of Shamanism - Neville Drury

The Adventurer's Way - Alawn Tickhill

Flight of the Seventh Moon - Lynn Andrews

The Gentle Arts of Aquarian Magic - Marion Green

IMPRO - Keith Johnstone

The Aquarian Conspiracy - Marilyn Ferguson

Gaia: A New Look at Life on Earth - James Lovelock

Stealing the Fire From Heaven - Stephen Mace

